

No armário de Mário: em busca de uma leitura dissidente

Claudicélio Rodrigues da Silva (UFC)ⁱ

RESUMO

Um homem à procura da alma brasileira e de si mesmo. É a síntese que se faz da vida de Mário de Andrade. Mas esse “si mesmo” quase nunca passa por sexualidade, corporalidade, desejo e prazeres. Não que o poeta/ficcionista tenha se recusado a pensar nisso. Esses temas estão lá o tempo todo. A sexualidade é um elemento fantasmático que se manifestava em diversos momentos, dos burburinhos e das ofensas que incidiam sobre sua suposta homossexualidade à construção de um tabu pela crítica, que tateia sua poética com receio, sobretudo nos poemas e nas narrativas que solicitam uma leitura homoerótica. Este artigo se propõe a pensar Mário de Andrade como um dissidente sexual que inseriu o tema em sua poética, ainda que a fortuna crítica tenha se negado a pensá-lo e lê-lo por essa perspectiva.

Palavras-chave: Mário de Andrade; homoerotismo; dissidência sexual; sexualidade; Modernismo.

ABSTRACT

A man who seeks the Brazilian soul and himself. This sums up Mário de Andrade’s life, but this “self-awareness” barely passes through his sexuality, corporeality, desire and pleasures. It’s not that the poet/fictionist wouldn’t consider it. These topics are always there. Sexuality is a phantasmatic element that manifests itself in many moments, from rumors and insults about his alleged homosexuality to the way his critics have made his sex life a taboo – they even fiddled with his poetic work with concern, primarily poems and narratives that needed a homoerotic reading. This article proposes to think about Mário de Andrade as a sexual dissident, who incorporates this topic into his poetics, even though critical fortune had denied thinking and reading it from this perspective.

Keywords: Mário de Andrade; homoeroticism; sexual dissidence; sexuality; Modernism.

ⁱ Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ, professor adjunto de literatura brasileira na UFC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4879-9416> | E-mail: claudicelio@gmail.com

A PRESENÇA DE MÁRIO DE ANDRADE EM ANTOLOGIAS DISSIDENTES

Em breve definição, o homoerotismo consiste em um *corpus* de linguagens que evocam, velada ou explicitamente, o desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo. Uma vez que, até a primeira metade do século XX, a existência homossexual era vista como um desvio da rota ou da norma (e por norma entenda-se aqui a vida heterossexual), a representação de afetos dissidentes dessas épocas é quase sempre latente, usando como expediente figuras de pensamento muito sutis para demarcar o lugar do desejo homossexual. É o caso de Mário de Andrade, que aborda uma infinidade de temas em sua obra, mas que, ao falar de si, de sua intimidade, de sua natureza sexual, inventa uma poética mais cifrada do que a linguagem poética. Em suma, o homoerotismo em Mário de Andrade é a cifra da cifra.

Mário de Andrade foi um dissidente sexual; entrou e saiu do armário como bem entendeu. Indícios? O apelo ao desejo e aos prazeres sexuais não normativos abundam não somente em sua poética, como também em sua epistolografia, por meio da qual o autor alimentava as suspeitas sobre sua homossexualidade ao tratar do tema com mágoa e angústia por conta dos boatos e das ofensas homofóbicas que lhe dirigiam.

Em minha pesquisa pós-doutoralⁱ, me debrucei sobre as antologias eróticas de sujeitos dissidentes, ou seja, aqueles que se identificam com minorias e cuja literatura se insurge contra o discurso acostumado e normalizado, no caso, o discurso sobre o poder do sexo e do erótico, estudado como um gênero literário universal, com referências ocidentais na Grécia e na Roma Clássica, mas um erotismo em que não eram discutidas as questões relacionadas aos sujeitos dos prazeres. Tudo funcionava como se ao erotismo não interessassem a orientação sexual dos sujeitos representados nem sua identidade de gênero. Desse modo, o que se cristalizou, inclusive como história do erotismo, foi uma noção de representação do desejo hétero, reproduzindo-se, quase sempre, os poderes de um sexo sobre o outro.

Assim, me propus a ouvir/ler textos literários de autores minoritários que falassem sobre seus desejos e prazeres. Se é possível pensar em um discurso erótico contra-hegemônico, eu estava interessado nisso. O que revela um poema ou um conto de autoria negra ao tratar sobre prazeres sexuais? O que querem expressar as mulheres

quando decidem ser sujeitos e não objetos do discurso erótico? Gays, lésbicas e pessoas trans, do passado e do presente, em um mundo marcado por homofobia, lesbofobia e transfobia, por aversão ao desejo desviante, o que dizem a respeito dos usos dos prazeres? Eram essas as minhas questões. E a escolha de antologias temáticas se justificava como uma forma de pautar uma época, um momento e um lugar no campo da literatura que se quer pôr em evidência. Nesse caso, leio as antologias como marcos temporais, objetos que me ajudam a pensar a literatura e sua história, ao mesmo tempo em que as postulo objetos de uma política de representatividade no território tão disputado da literatura.

Logo na primeira antologia publicada no Brasil com a temática da homossexualidade, *Histórias do amor maldito* (1967), Mário de Andrade se apresenta com o conto “Frederico Paciência” – de *Contos novos*, publicado postumamente em 1947 –, que narra a “amizade” entre dois garotos adolescentes, colegas de colégio. Depois, na antologia *Poemas do amor maldito* (1969), o poema “Soneto”, do livro *A costela do grão cão* (1941), solicita uma leitura pela perspectiva homoerótica. Essas duas antologias, organizadas por Gasparino Damata e Walmir Ayala, ambos escritores e assumidamente gays, foram pioneiras na temática da homossexualidade no Brasil, isto é, começaram a abrir as portas do armário da literatura para que os textos-corpos-dissidentes-sexuais saíssem do escuro e se mostrassem.

Cinquenta anos depois da edição da primeira antologia sobre o “amor maldito”, foi lançada a obra *Poesia gay brasileira: uma antologia* (2017), na qual está publicado o poema “Girassol da madrugada”, de Mário de Andrade, junto a outros poetas gays/lésbicas, como Mário Faustino, Cassandra Rios, Caio Fernando Abreu, Glauco Mattoso e Lúcio Cardoso. Esse poema, que integra *Livro azul*, escrito em 1931, é conhecido como o que mais suscita uma leitura homoerótica dentro da poética de Mário de Andrade e há documentação suficiente para sustentá-la, visto que coloca em questão a sexualidade de Mário no horizonte das constantes reescrituras. Trata-se de um poema palimpsesto, uma vez que foi rasurado (e são evidentes essas rasuras), de modo a tentar esconder, por meio de figuras de linguagem, a necessidade do escritor de deixar o desejo homoafetivo mais claro no texto. Ora, se queria evidenciá-lo em seus versos, por que então o escondia atrás das figurações? Além da autocensura, o autor contava com amigos-leitores conservadores.

Em 2020, com a organização dos professores e pesquisadores César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia, foi publicada uma antologia em dois volumes que abrange textos publicados entre 1842 e 1930. No volume I, intitulado *Desejos*, Mário de Andrade apresenta novamente o conto “Frederico Paciência”, além de outros três textos – um poema e dois contos de *Os contos de Belazarte* (1925). O conto “Túmulos, túmulos, túmulos” é sobre a “amizade” entre Belazarte, um rapagão solteiro que mora com a mãe e que decide ter um criado negro, e o jovem Ellis. Ele encontra no rapaz não só o objeto do seu desejo colonial-escravocrata, mas também um desejo sexual, embora esse último seja velado, aparecendo com o pudor de “amizade” e admiração mútuas. Já o conto “Nízia Figueira, sua criada” narra a relação entre duas mulheres – novamente um relacionamento entre criada e patroa –, solitárias, que não se casam; uma vive para cuidar da outra, amizade que culmina em um gostoso roçar de corpos na cama depois de muita cachaça. A lesbianidade aí é somente suspeitada. Os organizadores também inseriram um poema chamado “Momento”, de 1924, publicado por Oneyda Alvarenga na década de 1970.

Vale ressaltar que essas antologias sobre a homossexualidade não foram organizadas a partir da orientação sexual dos autores, embora as mais recentes façam questão de reunir escritores abertamente homossexuais. A temática é que é homoerótica, o que explicaria, portanto, a presença de textos de Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramosⁱⁱ e Nelson Rodrigues nessas coletâneas.

A presença de Mário de Andrade nessas antologias, se não o tira do armário, no mínimo, joga luz em parte de sua erótica voltada para o tema do “amor que não ousa dizer o nome” e, quando diz, qualifica-o de maldito. É importante, pois, resgatar essa poética pelo crivo dos estudos do contemporâneo, confrontando a crítica do século XX, que tateou o problema e o escamoteou, tentando fugir da homossexualidade de sua produção como “o diabo foge da cruz”. Dessa forma, Mário de Andrade segue polêmico justamente no âmbito da sexualidade, visto que ainda há muito o que dizer sobre sua obra nesses aspectos.

A DISSIDÊNCIA ARLEQUINAL-LOSÂNGUICO-MACUNAÍMICA DE MÁRIO DE ANDRADE

Na qualidade de um dissidente sexual, Mário de Andrade interpretou essa existência por meio de sua poética e de suas correspondências. Nesses textos, personagens e personas líricas fundem-se e confundem os dissidentes com o seu autor – criador-criaturas –, uma vez que, ao criar uma linguagem cifrada sobre os desejos não normativos, Mário não só não esconde sua sexualidade, mas a revela com a maestria de um sujeito arlequinal, *flâneur*, malandramente desejante, como o sujeito lírico do poema “A caçada”, que transita pelas madrugadas de São Paulo e se depara com “grandes mariposas de sonho queimando-se na luz...”. Sair à caça nas madrugadas da Pauliceia diz muito sobre esse corpo lanhado de desejo. Por isso, novamente o sujeito sai à caça no poema “Noturno”, encontrando-se com “as nuvens baixas muito grossas/ Feitas de corpo de mariposas/ Rumorejando na epiderme das árvores...”.ⁱⁱⁱ Poemas como esses revelam muito, sem dizer claramente, a respeito do “desvairismo” sexual do autor de *Pauliceia Desvairada*.^{iv} Lembremos que uma das acepções do qualificativo “desvariado” é justamente “excitado”. Portanto, nessa primeira hora de desvairismo, é pertinente que o caçador noturno seja relido pela perspectiva da excitação sexual.

O olhar que o poeta lança para a sensualidade dissidente ora se camufla em imagens ricas de polissemia, em metáforas difíceis de identificar o objeto representado pela forma representante, ora parece que o discurso deseja libertar-se do policiamento interno (e, obviamente, externo) e as imagens homoeróticas se revelam, como no poema “Cabo Machado”, de *Losango Cáqui* (1924). Nele, o sujeito arlequinal de Pauliceia, com sua roupa de losangos, em uma cidade de geografia em losangos, leva sua linguagem losânguica ao quartel. A forma geométrica do quepe cáqui dos recrutas é a imagem que Mário traz ao livro, a partir do título, com poemas que descrevem sua experiência (ou memórias inventadas) no serviço militar. Entretanto, o ambiente masculino e viril é deixado de lado nesse que é um poema representativo de uma identidade sexual desviante:

Cabo Machado

Cabo Machado é cor de jambo,
Pequenino que nem todo brasileiro que se preza.
Cabo Machado é moço bem bonito.
É como si a madrugada andasse na minha frente.
Entreabre a boca encarnada num sorriso perpétuo
Adonde alumia o Sol de oiro dos dentes
Obturados com um luxo oriental.

Cabo Machado marchando
É muito pouco marcial.
Cabo Machado é dançarino, sincopado,
Marcha vem-cá-mulata.
Cabo Machado traz a cabeça levantada
Olhar dengoso pros lados.

Segue todo rico de joias olhares quebrados
Que se enrabicharam pelo posto dele
E pela cor-de-jambo.

Cabo Machado é delicado gentil.
Educação francesa mesureira.
Cabo Machado é doce que nem mel
E polido que nem manga-rosa.
Cabo Machado é bem o representante duma terra
Cuja Constituição proíbe as guerras de conquista
E recomenda cuidadosamente o arbitramento.
Só não bulam com ele!
Mais amor menos confiança!
Cabo Machado toma um jeito de rasteira...

Mas traz unhas bem tratadas
Mãos transparentes frias,
Não rejeita o bom-tom do pó-de-arroz.
Se vê bem que prefere o arbitramento.
E tudo acaba em dança!
Por isso cabo Machado anda maxixe.

Cabo Machado... bandeira nacional! (ANDRADE, 1993, p. 144)

O poema descreve a sensualidade do cabo Machado, uma performance queer, no sentido mesmo de estranhamento em relação ao que se espera de comportamentos, modos, olhares e trejeitos de rapazes em um ambiente disciplinador de masculinidades como o militar. No entanto, o olhar do poeta, ao contrário do que, provavelmente, seria a percepção dos outros, é de deslumbramento e de admiração, inclusive ao ressaltar que cabo Machado não marcha, mas dança. Além disso, é um moço refinado, visto que cuida das unhas, tem mãos delicadas e não tem receio de usar pó-de-arroz no rosto. Em suma, há todos os indícios de que performa uma identidade desviante; e o poeta sabe disso. No mínimo, os trejeitos e o andar de cabo Machado sugerem que seus atos performativos, conforme a concepção de Judith Butler (2019), recusam sua identificação com a heteronormatividade cênico-social duplamente exigida tanto no contexto do quartel quanto naquela sociedade.

Mais tarde, quando a *Revista de Antropofagia* tinha deixado de ser uma publicação avulsa e ocupava uma página alugada no jornal *Diário de São Paulo*, Oswald de Andrade, usando o personagem do poema como pseudônimo para um texto

intitulado “Os três sargentos”, acusa Mário de Andrade de falta de originalidade e o denomina “nosso Miss São Paulo traduzido de masculino”. De fato, a segunda dentição da revista primava por textos que atacavam os colegas daquela primeira fase do movimento que agora preferiam seguir outros caminhos que não o da estética antropófaga de Oswald. Mas o que se ressalta aqui é que as troças com a sexualidade de Mário a partir de sua obra o deixavam angustiado, sensação que se refletia nas cartas trocadas com os amigos mais íntimos como Manuel Bandeira, que, ao mesmo tempo em que cumpria a função de irmão mais velho, também funcionava como um superego, na medida em que, lendo em primeira mão poemas e narrativas do amigo, advertia-o sobre termos e expressões mais explícitas acerca das questões sexuais “não resolvidas” de Mário que pudessem aparecer na sua poética. Ou seja, o “irmão pequeno”, como Mário qualifica Bandeira em poema a ele dedicado, exercia sobre os escritos dele a posição de castrador, conforme veremos adiante. Entretanto, justamente essas cartas permitem que hoje se possa montar a imagem de um Mário desviante que, na tentativa de fugir às normas de virilidade do seu tempo, esquivava-se dos policiamentos e das reiteradas práticas homofóbicas com a mesma desenvoltura com que ensaiava a saída do armário por meio de seus escritos.

Os ataques do “fogo amigo” fizeram com que Mário cortasse definitivamente as relações com Oswald de Andrade em 1929, após a publicação de um texto, também na *Revista de Antropofagia*, sob o título “Miss Macunaíma”, assinado por Octacílio Alecrim, que alguns estudiosos afirmam ser um pseudônimo, mas que foi, na realidade, um advogado e escritor potiguar. De modo satírico, o autor não cita Mário nominalmente, porém insinua se tratar dele a personagem do seu texto, identificada no feminino: “passageira da gaiola ‘Caiçara’, esteve hontem em Natal, durante algumas horas, a mais genuína representante da antropofagia feminina do Brasil. É uma tapuya bem acordada, conversadeira e inteligente que vem realizando uma sensacional ‘descida’ ao mundo da famigerada tribo Apurynan”. Miss São Paulo traduzido de masculino, Miss Macunaíma e tantos outros gracejos homofóbicos que nada tinham a ver com a “descida” que queriam os antropófagos. Ao mesmo tempo em que publicamente a vítima silenciava, na intimidade das cartas revelava-se um homem angustiado, ferido na sua dignidade e na sua honra. Enquanto isso, escrevia uma poesia recheada de imagens homoeróticas, não apenas escamoteadas pela crítica do seu tempo

e da segunda metade do século XX, mas sobretudo negadas, como se as performances homoafetivas empobrecessem o Mário que queriam como herói cheio de caráter, líder de um movimento.^v

De volta ao poema “Girassol da madrugada”, orientado por Manuel Bandeira, Mário de Andrade escreve várias versões para um único verso, na tentativa de atenuar uma revelação. Amalgamado o texto com os fatos externos documentados, é possível, a partir de leituras também desviantes, suspeitar sobre o que o poema poderia ter sido, sobre o que foi e sobre o que se tornou. O texto é composto de sete parselhas de estrofes nas quais o poeta declara sua paixão a um “tu” cuja identidade sexual não é revelada. Mas a dedicatória do poeta a um desconhecido R.G., seguida de uma das estrofes que foi reescrita de acordo com as sugestões de Bandeira, coloca o poema sob o olhar suspeito de que haveria algo mais a ser dito no subtexto e seus entornos. A estrofe-palimpsesto é a segunda da parselha V:

Tive quatro amores eternos...
O primeiro era a moça donzela,
O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma,
O terceiro era a rica senhora,
O quatro és tu... E eu afinal me repousei dos meus cuidados.
(ANDRADE, 1993, p. 140-141, grifo meu)

Em carta a Bandeira, datada de 28 de março de 1931, antes de falar sobre o poema, Mário confessa ao amigo que está amando: “O amor se abancou de novo no meu rancho, mas é bom nem falar porque sou dolorosamente feliz” (MORAES, 2001, p. 494-495). Ora, o que Mário mais quer nesse momento é justamente verbalizar esse sentimento, desaguado desta forma:

Isso da gente ficar uma noite inteirinha, quatro horas eu passei! Reclinado sobre um corpo alvíssimo e dócil, parolando, descobrindo uma alma espontânea, maravilhosamente descobridora, dizendo coisas incríveis para quem não lê nos livros, e um dedo espantado passeando em nosso rosto, seguindo o caminho das rugas e dos traços já acentuados pela idade, olhos incríveis de assombro não podendo se explicar que possam amar a feiura, é melhor não falar. [...]. Faz uns quinze dias que não vivo, desgraçado. Positivamente as delícias ou martírios do corpo não têm nada que ver com o amor. (MORAES, 2001, p. 494-495)

O que seria essa feiura de amor (e aqui não se pode fechar uma interpretação de que o poeta se referia a si), que faz com que os amantes se assombrem diante da

impossibilidade de explicação? Delícias e martírios do corpo, diferentemente do amor, seriam mesmo os prazeres da carne? O amante de Mário de Andrade se resume a um corpo alvo e dócil, dessexuado. O que perderia o poeta se revelasse a identidade sexual daquele por quem está encantado? Esse jogo de esconde-esconde, muito comum na poesia de Mário e levado às cartas sempre que menciona questões sexuais, orienta uma leitura dissidente, de uma sexualidade não normativa.

Prosseguindo, Mário envia quatro estrofes do poema “Girassol da madrugada” a Manuel Bandeira, que, na carta de resposta (MORAES, 2001, p. 498),^{vi} chama carinhosamente de Rud a sigla do nome a quem Mário dedica o poema, envia seu poema “As três mulheres do sabonete Araxá”, cujo discurso erótico, diferentemente do poema de Mário, não vem cifrado, codificado, uma vez que o poeta se declara admirado pelas mulheres a quem quer dar um reino. Discurso abertamente heteronormativo em confronto com o velado do poema de Andrade.

“O segundo... eclipse, boi que fala, cataclismo”. Quem seria o segundo dos amores do poeta, uma vez que, no verso editado, Mário prefere usar reticências seguidas de três imagens metafóricas que, longe de esconder, apenas reforçam o caráter proibitivo da revelação desse amor? Na apresentação da recente publicação da seleta erótica da obra de Mário, Eliane Robert Moraes (2022) empreende um volteio discursivo para associar a imagem do “boi que fala” a uma série de contextos oriundos da produção do escritor, por exemplo, a perspectiva do bumba-meu-boi, animal da tradição popular que perde a língua. Além disso, a pesquisadora une o personagem adolescente do conto homoerótico, Frederico Paciência, a um poema em que Mário dá nome aos bois, ou melhor, a um boi: o boi Paciência, que é também o sobrenome do garoto que dá nome ao conto “Frederico Paciência”, de *Contos novos*, cujo enredo é claramente homoerótico. Entretanto, quando nos deparamos com versões enviadas a Manuel Bandeira, percebemos leituras bem mais próximas do teor homoerótico do poema. Em carta de 14 de junho de 1933, Bandeira dá o veredito:

Das variantes que você mandou... Hum! Está difícil escolher. A que substituí melhor o insubstituível verso original é a última:

“O segundo, as prisões não condenarão nada, as ciências não corrigirão nada”

Mas tanto essa como estas duas:

“O segundo, os homens etc.”

“O segundo, mas porque etc.” (a pior sem sombra de dúvida).

São explicações, coisa pouco poética.

Resta:

“O segundo, eclipse, boi que fala, catacumba”
é bem poesia, mas não dá sentido a ninguém. Decida entre Verdade e Poesia
[...] (MORAES, 2001, p. 562)

Em síntese, o “amor maldito” está mais do que dito nesse trecho, uma vez que a voz do poeta afirma que esse amor não pode ser sentenciado à condenação moral nem à correção médico-científica ao que era considerado patologia no pensamento sobre a homossexualidade no início do século XX pelos discursos legais e científicos. Entre verdade e poesia, Mário decide-se pela linguagem subliminar, cheia de elipses, desde as reticências às duas palavras cujos significados evidenciam escuridão, passageira e perene (eclipse/catacumba). Porém, ao substituir “catacumba” por “cataclisma”, o poeta subverte a perenidade da escuridão desse segundo amor ao descrevê-lo como um abalo sísmico (da moral heterossexual? Da norma dos amores que podem ser unicamente aceitos?). Nesse sentido, a leitura feita por Eliane Robert,^{vii} do boi que perde a língua, morre, mas ressuscita para brincar no terreiro, é uma metáfora da metáfora proposta, o que nos obriga a destrinchar essa interpretação à luz da descrição dos amores facultados ao silêncio e à reclusão.

Em 23 de dezembro de 1941, Manuel Bandeira escreve uma curta carta a Mário de Andrade agradecendo pelo exemplar de *As poesias*, no qual consta o poema “Girassol da madrugada”. Em uma nota de rodapé, o organizador cita outra carta de Mário, dessa vez ao poeta Alphonsus de Guimarães Filho, na qual informa que no *Livro azul* (em que o poema foi publicado) está o que ele fez de melhor em poesia. Sobre o “Girassol da madrugada”, Mário afirma que é o “que tem de mais novo viver o prazer de amor, de após-sexo, livre já dos interesses da sexualidade. E desconfio que estará encerrado o capítulo poesia desta complexa vida minha” (MORAES, 2001, p. 658).

Tanto *A costela do grão cão* quanto o *Livro azul* aguardam uma leitura dissidente, visto que primam pelas elipses e por imagens subliminares dos amores desviantes. Porém uma leitura nesse caminho foi empreendida recentemente por Horácio Costa ao analisar a correspondência entre Andrade e Bandeira em torno de “Girassol da madrugada”. Costa assim sintetiza essa ação palimpsesta:

Assim, numa tentativa de interpretar esse verso enigmático, teríamos não apenas uma confissão de impotência implícita do poeta diante do mores do seu tempo, à luz do que foi dito anteriormente, mas também um seu recado ao leitor «entendido» – uso a palavra, claro está, com a maior

intencionalidade, recuperando uma forma de tratamento, popular entre os homossexuais em São Paulo até os anos setenta, de referir-se aos que com eles compartilhavam as suas proclividades sexuais –, como se dissesse: não revelo (antes eclipse) o meu segundo amor eterno, mas indico, pelo contraste entre este verso e os que enquadram, que ele provém de outra área da experiência, do insólito ou do interdito (um boi que falasse... afinal, seria a «revolução dos bichos», *el mundo al revés*), e também indico subliminarmente a aqueles que queiram arrostar essa interdição, os «bois» brasileiro, leitores futuros, pois: preparem-se para defrontar-se com nada menos do que um cataclismo, se e quando o fizerem. E aqui estamos nós (COSTA, 2013, p. 288).

O poema “Estâncias” (de 15 de outubro de 1933) é um desses textos, cuja primeira estrofe expõe um homoerotismo disfarçado de ambiguidade e promove um cataclismo nas leituras acostumadas a invisibilizar o homoerotismo:

(a)
No caminho da cidade,
Oh vós, homens que andais pelo caminho,
Olhai-me, cercai-me todos, abraçai-me,
Abraçai-me de amor e de amigo, na meiga carícia indecisa,
Cegos, mudos, viris, na imperfeição irremediável! (ANDRADE, 1993, p. 315)

A estrofe é uma releitura do *Livro das Lamentações* (1:12), do Antigo Testamento, cuja citação é atualizada para o sofrimento de Cristo no caminho até o Calvário. O trecho faz parte do ritual da Via-Sacra, correspondente à sexta estação, que encena o encontro de Verônica com Cristo, momento em que ela enxuga o rosto do mestre. Se a paixão no contexto cristão se refere à dor e ao sofrimento de Cristo, na releitura de Mário de Andrade, o poeta é o próprio Cristo-Eros em suas estâncias/lugares de parada para descanso no caminho da cruz, que deseja ser afagado eroticamente por homens do sexo masculino, já que a palavra “viris” não permite que ela seja tomada como generalização para a humanidade. É erótica a paixão do poeta, e a dor e o sofrimento que existem aí são evocados justamente pela forma de amar indecisamente em uma irremediável imperfeição. Ou seja, o tempo todo, Mário dá pistas desse amor desviante, não normativo, que ele deseja cantar. O expediente que o escritor usa para esse canto, por vezes eclipsado, rasurado, é pregar pequenas peças no jogo semântico proposto, a partir de uma linguagem palimpsesta cujo sentido desliza do poema e resvala pelas cartas, nessa leitura expandida.

No mesmo livro, consta o poema “Soneto”, de dezembro de 1937, e que aparece na antologia *Poemas do amor maldito* (1969), organizada por Gasparino Damata e Walmir Ayala:

Aceitarás o amor como eu o encaro?...
... Azul bem leve, um nimbo, suavemente
Guarda-te a imagem, como um anteparo
Contra estes móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro
Vive em teu corpo nu de adolescente,
A perna assim jogada e o braço, o claro
Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo
Também mais nada, só te olhar, enquanto
A realidade é simples, e isto apenas.

Que grandeza... A evasão total do pejo
Que nasce das imperfeições. O encanto
Que nasce das adorações serenas
(ANDRADE, 1969)

Qual é o significado de um “amor azul” em forma de nuvem espessa, prestes a desabar? Novamente, o destinatário desse galanteio amoroso é descrito com um vocábulo dessexualizado, mas se trata de um adolescente. O poema segue a temática da relação erastes/eromenos na Grécia Clássica – relação amorosa e pedagógica entre um adulto e um adolescente como rito de transição para a vida adulta. Além disso, também dialoga com “A um moçoilo”, poema homoerótico do Romantismo brasileiro (o primeiro?) escrito por Junqueira Freire, no qual o eu poético se declara a um adolescente. As pistas para uma poesia homoerótica estão aí, e é preciso uma leitura cabomachadiana.

De volta a *Losango Cáqui*, dois poemas e uma nota de Mário de Andrade sobre eles se revestem de suspeição. O poema “XXXIII”, publicado na *Klaxon*,^{viii} teria sido motivo de insinuações e chacotas. O que teria motivado essa recepção?

XXXIII

“Prazeres e dores prendem a alma no corpo
como com um prego. Tomam-na corporal...
Consequentemente é impossível pra ela
chegar pura nos Infernos”.

PLATÃO

Meu gozo profundo ante a manhã Sol
A vida carnaval...
Amigos
Amores
Risadas
Os piás imigrantes me rodeiam pedindo retratinhos
de artistas de cinema, desses que vêm nos maços
de cigarros.
Me sinto a Assunção de Murillo!

Já estou livre da dor...
Mas todo vibro da alegria de viver.

Eis porque minha alma inda é impura (ANDRADE, 1993, p. 146)

Tanto na citação de Platão quanto no poema há referência aos amores impuros se pensarmos nas várias narrativas sobre Eros que Platão empreende em *O Banquete*, ou seja, os afetos, as carícias e os prazeres sexuais. É a fim de sossegar os rumores a respeito desse poema que Mário de Andrade escreve um soneto intitulado “Platão”, no qual insere uma “– Mulher sensual que junto a mim passando/ Meu desejo de gozos exaspera!”. Nesses momentos em que o poeta canta o amor heterossexual, a poesia dá lugar à pura descrição generalizante da mulher. Mesmo nesse poema, o primeiro terceto parece uma crítica ao discurso acerca dos prazeres ancorados pela ciência da época: “A vida é bela! Inúteis as teorias!/Mil vezes a nudeza em que resplendo/À clâmide da ciência, austera e calma!”.

É preciso insistir nesses volteios de Mário quando se propõe a empreender um discurso erótico em sua poética. Ir e vir, esconder e quase revelar a identidade sexual dos amantes. É como se seu eu poético saísse e entrasse do armário da orientação sexual o tempo todo, em um balé arlequinal-macunaímico-losânguico. É por isso que poemas como “XXVII”, lido sozinho, incide sobre um teor homoerótico, mas, quando visto como sequência do anterior, quase se molda ao gosto do freguês heterossexual:

XXXVII

Te gozo!...
E bem humanamente, rapazmente.

Mas agora esta insistência em fazer versos sobre ti... (ANDRADE, 1993, p. 148)

E no anterior: “Mas eu sonho que vais agarradinha no meu braço/ Numa rua toda cheia de amigos, de soldados, conhecidos...”. Qual é a necessidade de exhibir a

namorada para os outros homens, sobretudo os amigos? Exemplos como esses sugerem que, mesmo angustiado com os ataques homofóbicos de pessoas próximas e distantes, Mário de Andrade respondia enxertando flores malditas na sua poética, ou seja, elaborando uma escrita sexualmente insurgente, embora também tentasse disfarçar uma performance heterossexual.

Negar esse jogo de sexualidades em mutação na obra de Mário ou escamoteá-lo é um erro que sua fortuna crítica cometeu, e que a crítica de agora, amparada por leituras queer e desviantes, precisa corrigir, sem continuar recorrendo ao uso de metáforas e jogos alusivos. O Mário de Andrade mascarado e espelhado, à procura de si mesmo enquanto busca a identidade/entidade brasileira, não cabe enquanto não assumirmos uma leitura das sexualidades em sua obra como uma categoria à altura das questões identitárias nacionais. O sujeito nacional (seja lá o que isso queira dizer) é antes um sujeito corporal e sexual. E se, como apontou Foucault (2015), a sexualidade não fosse uma invenção cultural a serviço da manutenção de certos poderes, sobretudo a de dominação do masculino sobre o feminino, em primeira instância, e depois de negação do que não é sexualmente normativo, não precisaríamos resgatar e propor revisões de leituras como as de Mário. Aceitaríamos calados que ele é tudo (hétero, bi, pansexual), menos homossexual.

É preciso chamar a atenção para o fato de que a existência homossexual não passa despercebida também na leitura crítica que Mário de Andrade empreende sobre poetas e ficcionistas do passado, como os dois estudos presentes em *Aspectos da literatura brasileira* (1974),^{ix} nos quais o Mário crítico lança luz sobre a sexualidade em conflito de Álvares de Azevedo e de Raul Pompeia. As leituras interessadas no desvio desses autores e o modo como eles performam essas sexualidades por meio de suas obras inserem Mário de Andrade na posição de um proto-crítico-*queer*. Ele também ousou quebrar o “armário de vidro” dos que lhe antecederam para, assim, reconhecer-se como um deles.

A QUEM INTERESSA UMA LEITURA DISSIDENTE?

No dia 18 de junho de 2015, a Fundação Casa de Rui Barbosa disponibilizou para consulta uma carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira datada de 7 de abril de

1928, na qual aborda sua homossexualidade e se ressentia dos rumores e dos insultos acerca desse assunto. Sobre essa carta, pairava um lacre duplo, oriundo da família do autor, preocupada com a saída de Mário de Andrade do armário, além da própria relutância da fundação em divulgar seu conteúdo. Havia 35 anos que a carta estava lacrada e sua abertura só foi possível graças a um pedido da *Revista Época*, em virtude da Lei de Acesso à Informação. Ou seja, passaram-se 87 anos da escritura íntima ao amigo Bandeira à revelação pública:

Está claro que eu nunca falei a você sobre o que se fala de mim e não desminto. Mas em que podia ajuntar em grandeza ou melhoria pra nós ambos, pra você, ou pra mim, comentarmos e elucidar você sobre a minha tão falada (pelos outros) homossexualidade? Em nada. Valia de alguma coisa eu mostrar o muito de exagero nessas contínuas conversas sociais? Não adiantava nada pra você que não é indivíduo de intrigas sociais. Pra você me defender dos outros? Não adiantava nada pra mim porque em toda vida tem duas vidas, a social e a particular, na particular isso só interessa a mim e na social você não conseguia evitar a socialização^x absolutamente desprezível duma verdade inicial. Quanto a mim pessoalmente, num caso tão decisivo pra minha vida particular como isso é, creio que você está seguro que um indivíduo estudioso e observador como eu há de tê-lo bem catalogado e especificado, há de ter tudo normalizado em si, si é que posso me servir de “normalizar” neste caso. Tanto mais, Manu, que o ridículo dos socializadores da minha vida particular é enorme.

Na verdade, a censura estava lançada somente sobre os trechos em que Mário aponta as intrigas a respeito de sua suposta homossexualidade, já que uma versão do texto consta em *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organizada por Marcos Antônio de Moraes e publicada pela Editora da USP em 2000. Entretanto, nada na publicação indica que houve uma supressão de trechos. Certamente, quem lê não compreende por que Bandeira, na carta de 5 de maio de 1928, inicia a sua resposta dizendo: “Fique tranquilo: a sua carta perigosa chegou” (MORAES, 2000, p. 387). Nem mentir nem desmentir a homossexualidade, é assim que Mário resolve os falatórios sobre “tão falada (pelos outros) homossexualidade”. A palavra aparece clara, mas também está aí, entre aspas, o vocábulo “normaliza”, após as queixas sobre as duas vidas de Mário – a pública e a particular.

A crítica nunca tratou seriamente a questão da sexualidade na obra de Mário de Andrade, preferindo o silêncio constrangedor, próprio de um tema tabu. Jason Tércio, por exemplo, que lançou recentemente *Em busca da alma brasileira* (2019), poderia ter escrito um capítulo sobre os burburinhos a respeito da sexualidade de Mário, mas toca

nesse assunto rapidamente ao falar da paixonite que Anita Malfatti teve pelo escritor, a despeito do “comportamento misterioso e ambíguo [que] fomentava curiosidade e fofocas” (TÉRCIO, 2019, p. 173). Contra as fofocas contemporâneas ao biografado e as pesquisas acadêmicas contemporâneas do biógrafo que apontam o homoerotismo nos textos de Mário, Tércio parece decidido a defender a honra do autor a qualquer custo, usando como válvula de escape a liberdade que o texto literário oferece para que se possa fantasiar à vontade, uma vez que “[...] literatura não reflete necessariamente a vivência do autor. Todo texto literário em prosa ou verso, mesmo autobiográfico, contém alguma porção de fantasia e, portanto, não constitui prova de nada, ainda mais quando se trata de uma personalidade complexa como a de Mário” (Id., p. 174).

A respeito dos trechos da carta divulgada integralmente em 2015, Tércio insiste em declarar que a divulgação “não trouxe nenhuma novidade, exceto que Mário considerava ‘exagero’ e ‘ridículo’ o cochicho sobre a sua sexualidade e que ele se portava com ‘absoluta e elegante discrição social’” (TÉRCIO, 2019, p. 174). E dá-lhe tentativa de mostrar o lado heterossexual de Mário em sua poética. É assim que o biógrafo conclui: “Com base nesses indícios e vestígios, pode-se inferir que Mário era pansexual, andrógino, bissexual, não um homossexual, como se tenta enquadrá-lo” (Id., p. 175). Por que tanto receio de um Mário homossexual?

Em 2022, a editora Ubu lançou *Seleção erótica de Mário de Andrade*, com a organização da professora Eliane Robert Moraes, que passeia pelo erotismo na obra de Mário, seja ela ficcional, poética ou epistolográfica. O que fica claro na reunião de textos em torno dessa temática é que as questões sexuais, tão negligenciadas pelos críticos do século XX, podem ser uma categoria de investigação tanto quanto o foram as questões da modernidade, da brasilidade e da descoberta de um Brasil profundo na fortuna crítica dos modernistas.

Dois momentos da seleção reúnem textos da obra de Mário em que a homossexualidade é tematizada por ele, principalmente na sua poesia, mas também, e sobretudo, nas cartas enviadas a amigos mais próximos, como ocorreu com Manuel Bandeira. No entanto, no texto de apresentação, Eliane Robert quase não cita a palavra “homossexualidade” ou “homoerotismo”, preferindo nomear a parte em que trata dessa questão com um dos termos “ambíguos” do próprio Mário, “Prazeres indesejados”.

Obviamente, a opção por dar títulos às partes da seleção com os termos do próprio

autor tem a finalidade de chamar a atenção para o vocabulário mariodeandradeano do dito pelo não dito no discurso erótico (o título da apresentação da organizadora é esse também). Nesse sentido, a pesquisadora lança uma hipótese para o uso dessas imagens alusivas e labirínticas por causa da “delicadeza do assunto”:

É possível que essa mesma delicadeza tenha concorrido para que o autor evitasse por completo os significantes diretos do homoerotismo que, no conto, são substituídos por expressões as mais variadas que vão de “instintos espantados” a “amar com franqueza”, de “desejos curiosos” a “palidez de crime”, de “perigos desumanos” a “amizade eterna”, de “infernos insolúveis” a “amigos demais” e por aí afora (MORAES, 2022, p. 32)

O que esses termos acabam por revelar é a angústia de Mário em relação à sua sexualidade desviante, nomeada ora com termos que aproximam os homoafetos e as paixões homoeróticas com a visão clássica platônica, ora com qualificativos que se aproximam de expressões das ciências médicas e psiquiátricas de então, cuja visão incidia sobre uma ideia de anormalidade. O fato de Mário de Andrade ter estudado alemão e Freud (que é citado em *Amar: verbo intransitivo*) não o facultava de ver a homossexualidade sem o tom ambíguo, embora em seus poemas prime por um olhar de aprovação desses amores.

Na coletânea de trabalhos recém-lançada pela Companhia das Letras, organizada por Gênese Andrade (2022), um dos 29 artigos trata da sexualidade de Mário, sobretudo como tema de que a fortuna crítica não ousou tratar, e, quando o fez, logo se distanciou, preferindo uma leitura tangenciante, generalista e também metafórica. César Braga-Pinto, o autor do estudo, tem se debruçado sobre leituras dissidentes e consegue não apenas fazer um levantamento de nomes importantes da fortuna crítica de Mário, mas também de suas fugas em relação à sexualidade do autor e sua representação na obra mariodeandradeana, optando por pensar nas máscaras do poeta, na sua ambiguidade, na procura de si mesmo.

O pesquisador sintetiza o problema resumindo as análises de cinco autores: Roger Bastide, Antonio Candido, Roberto Schwarz, João Luiz Lafetá, Leandro Pasini e Raul Antelo. Este último, segundo Braga-Pinto, propõe uma leitura de “Soneto”, publicado em *A costela de grão cão*, a partir da perspectiva do “armário de vidro”, que faz parte dos estudos *queer*, e é um termo cunhado por Eve Sedgwick em *Epistemologia do armário*. Braga-Pinto destaca que, reunindo os insultos sofridos por Mário de

Andrade em vida e os afastamentos da crítica em relação ao tema da homossexualidade, o escritor pode ser lido como aquele que construiu um “arquivo *queer* em expansão” (BRAGA-PINTO, 2022, p. 510), ou seja, “[u]m arquivo anti-homofóbico feito de vestígios, mais ou menos associado com o discurso biográfico em torno do poeta ele-mesmo, mas também potencialmente libertado de sua pessoa [...]” (Id., p. 536).^{xi}

Se a fortuna crítica de Mário de Andrade, conforme aponta Braga-Pinto, foi construída por meio de “[e]xclusão, silêncio, discrição: em nome da exploração da alma – individual e nacional”, (BRAGA-PINTO, 2022, p. 521), em que parecia sacrilégio tocar na intimidade do imenso herói do Modernismo brasileiro, resguardando-se, sobretudo, o seu caráter, como se a sua homossexualidade pudesse desonrá-lo enquanto pensador das brasilidades, já é tempo de inscrevê-lo no panteão dos dissidentes sexuais brasileiros, com uma vantagem: ele já habita o território espinhoso da literatura, já faz morada lá, de onde não será expulso. Macunaíma, direto da Ursa Maior, brilha para nos dizer que Mário é também um herói sem nenhum caráter, ou melhor, que o caráter de um homem não se mede pela sua orientação sexual ou por sua identidade de gênero. Chega, portanto, de insistir em uma análise que, como aponta Braga-Pinto, “bate na mesma nota de máscaras, do disfarce, do espelho, do segredo, do amor sublimado ou platônico, da sinceridade e do cabotinismo, do dilaceramento do sujeito, entre outras metáforas, eufemismos e catacreses afins [...]” (Id., p. 522). No cânone literário brasileiro também há um vale, onde a dispersão da luz solar desenha arco-íris. É de lá que Mário nos acena.

Referências

ALECRIM, Octacílio. *Miss Macunaíma*. Diário de São Paulo, São Paulo, 26 jun. 1929. Revista de Antropofagia, p. 12.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

BORTOLOTTI, Marcelo. A carta em que Mário de Andrade fala de sua homossexualidade. *Revista Época*. 2015. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2015/06/exclusivo-carta-em-que-mario-de-andrade-fala-de-sua->

[homossexualidade.html#:~:text=Leia%20abaixo%20o%20trecho%20da,Em%20nada.](#)

Acesso em: 11 out. 2022.

BRAGA-PINTO, César. A sexualidade de Mário de Andrade: a prova dos nove. In: ANDRADE, Gênese (Org.). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 507-545.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 397-410.

COSTA, Horácio. Do afloramento da palavra homoerótica na poesia moderna: Portugal, México, Brasil (correspondência Manuel Bandeira/Mário de Andrade em foco). *Revista Forma Breve*, Aveiro, Universidade de Aveiro, p. 279-282, 2009.

DAMATA, Gasparino. *Histórias do amor maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1967.

DAMATA, Gasparino. *Poemas do amor maldito: autores brasileiros*. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2015. p. 131.

MACHADO, Amanda; MOURA, Marina (Org.). *Poesia Gay Brasileira – Antologia*. São Paulo: Editora Machado e Amarelo Grão Editorial, 2017.

MACHADO, Cabo. *Os três sargentos*. Diário de São Paulo, São Paulo, 14 abr. 1929. Revista de Antropofagia.

MORAES, Eliane Robert (Org.). *Mário de Andrade seleta erótica*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 2001.

TÉRCIO, JASON. *Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

Recebido em: 16/07/2022

Aceito em: 10/10/2022

ⁱO estágio pós-doutoral foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) entre 2021 e 2022.

ⁱⁱ O texto de Graciliano Ramos, por exemplo, colhido de *Memórias do Cárcere*, é abertamente de natureza homofóbica, visto que o narrador relata sua aversão a um colega de prisão homossexual.

ⁱⁱⁱ Ou seja, já em *Pauliceia Desvairada* o sujeito lírico de Mário está atento ao desejo sexual. É preciso ler a São Paulo de Mário também por esses espaços públicos onde as performances eróticas se interceptam.

^{iv} Os poemas aqui apresentados compõem *Poesias completas*, de 1993, antologia organizada por Diléa Zanotto Manfio.

^v O professor Marcelo Magalhães, da UFC, que gentilmente leu uma primeira versão deste texto, me lembra de que isso se aproxima de um trecho do “Prefácio interessantíssimo”, em que Mário protesta: “Pensei que discutiríamos minhas ideias (quem nem são minhas). Discutiram minhas intenções”.

^{vi} Carta de Manuel Bandeira, datada de 14 de abril de 1931.

^{vii} Na verdade, ela desdobra a leitura já proposta por Horácio Costa (2009).

^{viii} Saiu no número 6 da *Klaxon*, de outubro de 1922, com pequenas alterações.

^{ix} A primeira edição é de 1943, mas o ensaio “Amor e medo”, sobre os poetas românticos, é de 1935.

^x A palavra é “socialização”, conforme o cotejo com a publicação na *Seleção erótica*, organizada por Eliane Robert Moraes.

^{xi} Não à toa, recentemente foi publicado um romance polifônico chamado *Miss Macunaíma: romance invenção* (2022), de Alexandre Rabelo, espécie de biografia ficcional que reconstitui a vida e a obra de Mário de Andrade, na qual as personagens de *Macunaíma* se misturam com cartas de Mário a amigos (epistolografia também inventada) para dar conta de uma série de desdobramentos, entre eles, a questão da ascendência negra e a homossexualidade do autor.